

## IMIGRAÇÕES E TEORIAS DECOLONIAIS: NOTAS INTRODUTÓRIAS A PARTIR DE SAYAD E FANON

### MIGRATION AND DECOLONIAL THEORIES: INTRODUCTORY NOTES BASED ON SAYAD AND FANON

 <https://doi.org/10.63330/sasciencesv6n2-116>

Submetido em: 26/07/2026 e Publicado em: 03/08/2026

SAS: e26342

**Antonieli Filho**

Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável (UFCA) e Educação (UFC)  
Professor Assistente da Universidade Regional do Cariri – Campus Bárbara de Alencar

E-mail: [antonieli.gomes@urca.br](mailto:antonieli.gomes@urca.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9563145614494252>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2230-4315>

#### Resumo

O presente estudo tem como objetivo compreender de que maneira as teorias decoloniais podem contribuir para a análise do fenômeno das migrações internacionais. Para tanto, fundamenta-se nas contribuições teóricas de Abdelmalek Sayad e Frantz Fanon, cujas reflexões ampliam a compreensão das migrações ao incorporarem dimensões subjetivas, históricas e experienciais da condição migrante, para além das interpretações centradas exclusivamente em fatores econômicos e estruturais. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e de tipo bibliográfico, desenvolvida a partir da análise das obras dos autores selecionados e de produções científicas correlatas. Os resultados evidenciam que as perspectivas decoloniais possibilitam compreender as imigrações como processos atravessados pelas relações de poder, pela colonialidade, pelas desigualdades sociais e pelos marcadores de raça, identidade, pertencimento e território. Conclui-se que o diálogo entre os estudos migratórios e as teorias decoloniais fortalece abordagens críticas sobre a mobilidade humana, ao valorizar epistemologias produzidas no Sul Global e conferir visibilidade às experiências historicamente marginalizadas. Dessa forma, o estudo contribui para a ampliação do debate teórico sobre as migrações internacionais e incentiva novas pesquisas voltadas à compreensão das múltiplas dimensões que estruturam os deslocamentos humanos na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Abdelmalek Sayad; Frantz Fanon; Migrações internacionais; Mobilidade humana; Teorias decoloniais.



## Abstract

This study aims to examine how decolonial theories can contribute to the analysis of the phenomenon of international migration. To this end, it is grounded in the theoretical contributions of Abdelmalek Sayad and Frantz Fanon, whose work broadens the understanding of migration by incorporating the subjective, historical, and experiential dimensions of the migrant condition, moving beyond interpretations based exclusively on economic and structural factors. Methodologically, this study adopts a qualitative, exploratory, and bibliographic research design, developed through the analysis of the selected authors' works and related scholarly publications. The findings demonstrate that decolonial perspectives provide a framework for understanding migration as a process shaped by power relations, coloniality, social inequalities, and the intersecting dimensions of race, identity, belonging, and territory. The study concludes that the dialogue between migration studies and decolonial theories strengthens critical approaches to human mobility by valuing epistemologies produced in the Global South and giving visibility to historically marginalized experiences. Consequently, this research contributes to expanding the theoretical debate on international migration and encourages further studies aimed at understanding the multiple dimensions that shape human mobility in the contemporary world.

**Keywords:** Abdelmalek Sayad; Decolonial theories; Frantz Fanon; Human mobility; International migration.

## 1 INTRODUÇÃO

A migração internacional constitui um fenômeno social de alcance global, presente tanto nas cidades globais (Sassen, 2001), quanto nas cidades brasileiras. Nas últimas décadas, a chegada de imigrantes, em caráter temporário ou permanente, deixou de ser uma característica exclusiva dos grandes centros urbanos, passando a integrar também a realidade de cidades de médio e pequeno porte. Esse processo evidencia a ampliação e a diversificação dos fluxos migratórios internacionais, bem como a redefinição dos espaços de acolhimento e inserção dos migrantes no território brasileiro.

As motivações que impulsionam a migração internacional são múltiplas e complexas, envolvendo fatores econômicos, oportunidades de trabalho, acesso à educação, reunificação familiar, conflitos políticos, crises humanitárias e outras circunstâncias que influenciam a decisão de migrar. Nesse contexto, os processos migratórios repercutem diretamente na (re)produção do espaço urbano e na dinâmica das cidades, independentemente de seu porte, promovendo transformações nas relações sociais, econômicas, culturais e territoriais, além de produzir novos fluxos de mobilidade e formas de ocupação do espaço.

No campo das Ciências Sociais, diferentes perspectivas teóricas têm buscado compreender a complexidade das migrações internacionais. As abordagens clássicas, em geral, enfatizam os fatores



estruturais, especialmente os econômicos, como elementos centrais para explicar os deslocamentos populacionais. Em contrapartida, perspectivas contemporâneas, entre as quais se destacam as teorias decoloniais, ampliam essa compreensão ao considerar a influência das relações de poder, do legado colonial e dos múltiplos marcadores da diferença social — como raça, etnia, gênero, classe e nacionalidade — na constituição das experiências migratórias e na mobilidade humana em perspectiva internacional.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo: compreender de que maneira as teorias decoloniais podem contribuir para a análise do fenômeno das migrações internacionais.

Considerando a amplitude e a complexidade desse debate, apresentam-se notas introdutórias sobre as contribuições de Abdelmalek Sayad (1933–1998) e Frantz Fanon (1925–1961). Ambos os autores oferecem importantes aportes para a compreensão das migrações ao ultrapassarem explicações fundamentadas exclusivamente em fatores estruturais e econômicos, incorporando às suas análises as dimensões históricas, subjetivas e experienciais da condição migrante. Dessa forma, evidenciam que a decisão de migrar também é atravessada por processos de dominação colonial, pertencimento, identidade e pelas marcas deixadas pelo colonialismo nas trajetórias individuais e coletivas.

Metodologicamente, o presente estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa (Triviños, 1987), de natureza exploratória (Gil, 2002), e de tipo bibliográfico (Prodanov; Freitas, 2013). A pesquisa bibliográfica possibilita o aprofundamento teórico do objeto investigado, uma vez que tem como objetivo colocar o pesquisador em contato direto com a produção científica já publicada sobre o tema, favorecendo a construção de um referencial analítico consistente (Prodanov; Freitas, 2013).

Nesse sentido, o corpus analítico da pesquisa foi constituído pelas principais obras de Abdelmalek Sayad (1933–1998) e Frantz Fanon (1925–1961), complementado por artigos científicos de pesquisadores e pesquisadoras que se dedicam à interpretação e à análise crítica de suas produções teóricas. A seleção desse conjunto de textos visa subsidiar a compreensão das contribuições desses autores para a análise das migrações internacionais a partir de uma perspectiva decolonial.

## 2 DESENVOLVIMENTO

O processo migratório tem sido objeto de amplas reflexões no campo acadêmico e social, dada sua complexidade e relevância para a compreensão das transformações contemporâneas. As migrações internacionais, entendidas como um fenômeno social total, envolvem múltiplas dimensões (sociais, culturais, econômicas, políticas e históricas) que se articulam e se interseccionam na constituição das experiências migratórias (Akotirene, 2022).

Nessa perspectiva, Santos *et al.* (2010) afirmam que não existe uma teoria única capaz de explicar, de forma abrangente, o fenômeno migratório, uma vez que sua natureza é dinâmica, multifacetada e condicionada por diferentes contextos históricos e espaciais. Em consonância com essa compreensão,



Castles (2010) destaca as limitações da construção de uma teoria geral das migrações, argumentando que tal empreendimento seria, em certa medida, "indesejado", diante da diversidade e da constante transformação dos processos migratórios na contemporaneidade.

Nesse cenário de “renovação” teórica, destacam-se as perspectivas decoloniais como importantes referenciais para a compreensão das migrações internacionais e da mobilidade humana. Ao romperem com interpretações centradas exclusivamente em fatores econômicos ou em paradigmas eurocêtricos, essas abordagens procuram evidenciar como as relações de poder produzidas pelo colonialismo continuam a influenciar os processos de deslocamento, pertencimento, exclusão e produção das diferenças sociais.

Conforme assinalam Mendoza *et al.* (2019), as perspectivas anticoloniais e decoloniais analisam as relações historicamente construídas entre colonizadores e colonizados, propondo um processo de descolonização epistemológica capaz de questionar e superar a hegemonia do pensamento colonial na produção do conhecimento.

A renovação dos estudos migratórios não se restringe à incorporação de novos procedimentos metodológicos, mas envolve, sobretudo, a emergência de novos objetos de investigação e de referenciais teórico-epistemológicos capazes de responder às especificidades da mobilidade humana no mundo contemporâneo. Nesse sentido, Viegas e Santos (2020, p. 11) afirmam que esse processo de renovação decorre das "[...] especificidades que suscita como tema próprio ao mundo contemporâneo".

As migrações, tanto históricas quanto atuais, são atravessadas por múltiplos marcadores sociais, como: etnia, raça, gênero, classe, nacionalidade e territorialidade; que configuram diferentes experiências migratórias. Assim, além das novas dinâmicas sociais que caracterizam os fluxos migratórios contemporâneos, emergem também novas perspectivas analíticas produzidas no Sul Global, entre as quais se destacam as teorias decoloniais, que oferecem importantes contribuições para a compreensão crítica das relações entre colonialidade, poder e mobilidade humana.

Quintero, Figueira e Elizalde (2019), apontam que a partir dos escritos do sociólogo peruano Aníbal Quijano sobre a colonialidade, criou-se um amplo debate sobre a colonialidade como inverso da modernidade. É no conjunto de críticas aos processos históricos produzidos pelo modelo colonial no âmbito do poder, do ser e do saber, mesmo após seu fim no âmbito internacional, que os estudos decoloniais constituem-se como um “[...] conjunto heterogêneo de contribuições teóricas e investigativas sobre a colonialidade.” (Quintero; Figueira; Elizalde, p. 4, 2019).

Deve-se destacar que os estudos pós-coloniais e os estudos subalternos também produzem uma crítica a colonialidade. Todavia, o paradigma decolonial busca:



[...] a recuperação do pensamento crítico latino--americano, as formulações (re)conceitualizadoras, como as revisões e tentativas de expandir e revisar as indagações teóricas. É um espaço enunciativo não isento de contradições e conflitos, cujo ponto de coincidência é a problematização da colonialidade em suas diferentes formas, ligada a uma série de premissas epistêmicas compartilhadas (Quintero; Figueira; Elizalde, p. 4, 2019).

Quintero, Figueira e Elizalde (2019), indicam ainda que as teorias decoloniais produzem um diálogo permanente com os estudos pós-coloniais e subalternos, ao passo que, potencializam os estudos críticos a colonialidade produzidos na América Latina. Desse modo, na contemporaneidade os estudos decoloniais reúnem no bojo de suas formulações as escolas mencionadas e seus principais teóricos/as: Edward Said; Homi K. Bhabha; Abdelmalek Sayad; Frantz Fanon; Stuart Hall; Partha Chatterjee e Gayatri Chakravorty Spivak.

Assim, para esta pesquisa toma-se a compreensão ampliada dos Estudos Decoloniais, considerando-os: como formulações teóricas e epistemológicas que produzem uma crítica as heranças dos processos de colonização formal e informal, em âmbito histórico e contemporâneo, aglutinando em seu *corpus* teórico importantes e significativas convergências entre as escolas dos estudos: pós-coloniais, subalternos e decoloniais latino-americanas.

Como apontam Brandt *et al.* (2024), as imigrações estão diretamente relacionadas a outros marcadores da diferença social. Desse modo, além dos fatores econômicos, que abarcaria o marcador classe social; agora, raça e gênero se interseccionam para produzir uma analítica das imigrações. Conforme os autores, as pesquisas que têm como base os estudos decoloniais “[...] propõem uma ruptura com visões eurocêntricas, abrindo espaço para uma compreensão mais ampla e inclusiva das dinâmicas migratórias e seu impacto nas regiões.” (Brandt *et al.* p. 3, 2024).

Para além das teóricas clássicas, as teorias decoloniais tem sido utilizada para compreender o fenômeno das imigrações. Os estudos de Abdelmalek Sayad (1933-1998) e Frantz Fanon (1925-1961), podem subsidiar um olhar decolonial sobre o fenômeno das migrações mobilidade urbana, em especial, por apresentar experiências individuais e/ou subjetiva dos imigrantes. Desse modo, faz-se necessário apresentar, de modo introdutório, as ideias e formulações teóricas dos autores mencionados, respectivamente.

Os escritos de Sayad apresentam um olhar microsocial para pensar a imigração, bem como, a pessoa da imigração que possui um lugar ontológico e psíquico, sendo estas instâncias da vida capturadas, com sensibilidade pelas vivências e experiências pessoais do sociólogo argelino. Bourdieu e Sayad (2006), apresentam uma análise do projeto de dominação colonial francês na Argélia, destacando os modos de como território geográfico é utilizado como lugar de desorganização da vida social, assim, o disciplinamento do espaço constitui-se como uma tática de dominação colonial.



É notório observar que esse é o processo fundante da colonização, a imigração e tomada do território, mas, como apontam Bourdieu e Sayad (2006), um território colonial em guerra opera por novas vias de disciplinamento espacial, mas também, no âmbito simbólico em instâncias sociais e psíquicas.

Ao narrar as atrocidades realizadas pelo Exército Francês, no deslocamento forçado de populações consideradas resistentes ou rebeldes, Bourdieu e Sayad (2006), apontam para um processo não apenas de realocação territorial, mas também de uma “realocação da existência” de si. Nota-se, portanto, uma operação ontológica do projeto colonial, a dessubjetivação do territorial e comunitária. Assim, o que aparentemente parece uma evacuação do território, torna-se uma política sistemática colonial.

Dias (2023), aponta para o processo formativo de Sayad, pois, junto com Bourdieu seu professor/orientador, produzem uma sociologia em um território onde está em curso uma guerra pela independência da Argélia. Assim, a sociologia crítica de Bourdieu e Sayad (2006), alinhada com o pensamento descolonial, está sendo produzida literalmente dentro da ordem colonial, ou seja, há uma outra sociologia que “[...] surge como arma de resistência em um contexto mais dramático: o da guerra colonial.” (Dias, 2023, p. 336). Desse modo, escrevem Sayad e Bourdieu:

[...] a política agrária que tendia a transformar a propriedade comum em mercadoria contribuiu decisivamente para desintegrar as unidades sociais tradicionais, ao destruir um equilíbrio econômico em que a propriedade tribal ou clânica constituía a principal proteção. Ao mesmo tempo, facilitou a concentração das melhores terras nas mãos dos colonos europeus através do artifício de concessões e vendas indiscriminadas (Bourdieu; Sayad, 2006, p. 43).

Nos escritos de Bourdieu e Sayad (2006), uma questão importante, que é a ideia de Estado. Tanto em sua expansão como Estado Colonizador, por parte dos colonizadores, quanto pela formação de um Novo Estado Independente, por parte dos colonizados. As dinâmicas migratórias internas são forçadas em contextos de guerra, levando assim, a dissolução de comunidades étnicas, resistência contra a colonização.

Desse modo, os contextos da migração interna no curso da guerra de independência argelina produzem uma mudança no campo psicossocial, pois geraram uma massa de “camponeses sem terra”. Junta-se a esse contexto interno, os processos imigratórios, presentes na sociedade argelina em âmbito macrocultural. Marcas desse processo constituem a vida de Sayad, como mostra Dias (2023), quando apresenta um breve resumo biográfico de Sayad:

A trajetória de Sayad se inicia ao explorar a sua infância em Aghbala, na pequena Cabília, e a dificuldade em completar seus estudos, em virtude das constantes migrações ou fugas que sua família precisou realizar. O motivo para tal vida em mobilidade é decorrente das represálias políticas vividas pelo pai que, secretário de uma comunidade, não poupou esforços em denunciar casos de corrupção, exploração trabalhista e desvio de recursos vitais de comunidades rurais produzido por lideranças locais aliadas com o regime colonial francês (Dias, 2023, p. 337).



A história de vida e a obra de Sayad se misturam. Como visto, os estudos etnosociológicos e a produção e conceituação teórica em torno da imigração de Sayad terão como base a história de vida de outros imigrantes argelinos. Desse modo, Sayad inaugurou um campo teórico-metodológico das pesquisas em história de vida. Como diz Blay (2000, p. 257) ao analisar o uso das biografias e história de vida na obra de Sayad: “[...] não basta ao analista simplesmente explicar o significado de uma ou outra palavra, mas situar a biografia no conjunto das condições históricas e sociais das quais ela emerge”. É nessa emergência que Sayad elabora seu conceito sobre imigração, e se propõe responder à pergunta: O que é um imigrante?

Sayad (1998) anuncia que o imigrante apresenta uma dupla contradição, pois aquele que imigra de um país para outro pode encontrar-se ora num status de qualidade de imigrante, ora, na condição de imigrante. Qualidade *versus* Condição, produz, portanto, lugares sociais, econômicos, políticos e psíquicos diferentes instâncias que se contradizem, mas, precisam sempre estar juntas, desse modo:

[...] parece ser constitutiva da própria condição do imigrante, impõe a todos a manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente, ou, o que dá na mesma, de um estado que só é admitido ora como provisório (de direito), com a condição de que esse “provisório” possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição de que esse “definitivo” jamais seja enunciado como tal (Sayad, 1998, p. 46).

Sayad (1998), aponta como esse duplo movimento, produz na pessoa imigrante, múltiplas formas de percepção social e individual, que poderia ser denominado como processos de sujeição. Ou seja, a pessoa imigrante quando chega em um novo país, inicialmente, tomam em sua consciência que sua imigração é provisória, logo, seus status de qualidade é atravessada por uma perspectiva de direitos, todavia, suas experiências e trajetórias lhe mostram que, o que existe na realidade é uma condição migratória, e esta condição envolve o país escolhido para imigração, mas, especialmente o país natal do imigrante.

Esse olhar de Sayad (1998), produz um deslocamento para pensar o fenômeno da imigração, saindo de um “problema social” próprio das epistemologias europeias, para um “fato social total”, ou seja, o imigrante não surge apenas quando chega no país destino da migração, sendo um “*Homo Economicus*”, há um conjunto mais amplo de fatores que produz e reproduz as migrações (Blay, 2000; Dias; Avallone, 2024), “[...] possibilitando uma visão ampla, mas que dialoga com diversas especificidades das manifestações do fenômeno.” (Level; Silva; Magalhães, 2020, p. 116).

É, portanto, nesse conjunto de fatores sociais, familiares, econômicos, políticos, culturais e psíquicos que emerge a pessoa imigrante, que está sujeita às contingências do mundo. Sayad (2000, p. 07), aponta que uma das características do fenômeno migratório, incide inicialmente dentro do próprio país de origem do imigrante, quando da migração interna e dos êxodos rurais, que se intensificaram a partir da segunda metade do século XX, e produziram o crescimento das cidades, assim, “[...] o êxodo rural do primeiro momento se estendia, a partir daí, numa emigração e numa migração transfronteiras, além dos



limites do território nacional, mas que permanecem ainda em grande medida em uma relação de contiguidade.”.

Sayad (2000), não esquece da questão econômica, em especial a questão do trabalho realizado pelo imigrante, e lembra que desde a segunda metade do séc. XX, há uma mudança na ordem internacional que produziram novos países para imigração de massa, de países mais pobres, nas palavras do sociólogo:

[...] muitos países podem - segundo a posição que ocupam no plano internacional e no sistema mundial de relações de forças entre países - ser, ao mesmo tempo, e sem contradição, países de emigração de seus próprios cidadãos que vão imigrar de países mais ricos, e países de imigração para os cidadãos estrangeiros emigrando de países mais pobres (Sayad, 2000, p. 07).

O imigrante visto como sujeito do trabalho, no caso da migração argelina para a França era vista como necessária e indispensável para a economia francesa, cumprindo, portanto, um papel social restrito e compartilhado pela sociedade francesa na “[...] parte inferior da hierarquia social [...] ao reconhecer a utilidade econômica e social dos imigrantes, ou seja, as “vantagens” que eles ofereciam para a economia que os utilizavam [...]” (Sayad, 2000, p. 47).

Para Sayad (2000), a virada da Qualidade de Imigrante para a Condição de Imigrante, dá-se no limiar do trabalho “provisório” para o trabalho “permanente” da pessoa imigrante. Conforme o sociólogo argelino, ao passo que os imigrantes ingressam em trabalhos que lhes possibilitam uma permanência no país, há uma percepção da sociedade nacional de que os imigrantes se afastaram “[...] dos limites que lhes haviam sido outorgados, ao ultrapassarem seu papel de imigrantes [provisórios], eles deixam, em certa medida, de se parecer com a definição que deles se dava.” (Sayad, 2000, p. 48).

Sobre essa questão incidir-se-á toda uma reflexão teórica de Sayad, em especial, as das relações de retorno. Como disse Blay (2000, p. 254), para a população nativa e/ou nacional o imigrante sempre será a pessoa que está sujeita a retornar ao seu país de origem, assim: “[...] Ele será sempre um estrangeiro, pelo menos na França colonizadora.”. Level, Silva e, Magalhães (2020), destacam que a visão do imigrante como provisória em no país e cidade de destino vinculada ao trabalho, (re)produz vias de não-permanência dessas pessoas nesses territórios, assim, são vistos como um problema social, do qual não se deve gastar tempo nem dinheiro público para produzir condições de permanência.

Notório apontar, e, como visto em momentos anteriores, há na contemporaneidade uma série de legislações internacionais e nacionais que buscam a proteção dos direitos humanos dos imigrantes. Todavia, os escritos de Sayad nos dão ferramentas para compreender os processos de xenofobia e preconceito enfrentados por imigrantes, em especial a partir de diversos marcadores da diferença social, tais como país de origem, raça, gênero e classe, por exemplo.



Se como apontado por Blay (2000), a condição provisória é permanente social e psiquicamente ao imigrante, mesmo que este fique, dez, vinte, trinta anos ou mais no país de destino de imigração. Sayad (2000), indica a noção de retorno como elementar ao fenômeno da imigração. Todavia, ao longo de suas pesquisas etnosociológicas e na escuta de história de vida de imigrantes argelinos na França, vai observando as condições de vida, que podem ou não produzir um desejo consciente e ou inconsciente de retorno. A noção de retorno em Sayad (1998, 2000), não está vinculada diretamente a uma perspectiva física, assim, surge o paradoxo no processo migratório.

O retorno opera como um fantasma, pois está sempre presente rondando a pessoa refugiada, mesmo quando não se pensa nesta questão, produzindo assim diversas formas de relação social e psicológicas. Ao fantasma do retorno a “terra natal”, portanto, possui uma dimensão física e geográfica, todavia, seus aspectos simbólicos e culturais atravessam o cotidiano do imigrante.

Sobre a dimensão do tempo, Sayad (2000), escreve:

[...] a relação com o tempo, que é a noção de retorno tal como se configura no imaginário do imigrante (e pelo imaginário do imigrante), mas também para o seu grupo, um retorno a si, um retorno ao tempo anterior à emigração, uma retrospectiva [...] (Sayad, 2000, p. 12).

A noção de tempo, produz então a memória, em nossa análise, a percepção do imigrante da transformação de si, pois, mesmo que o imigrante retorne ao seu país, estado/província, cidade de origem, ele jamais poderá retornar ao “tempo de partida”.

Assim, a ideia de um retorno, ao que se era em sua terra natal, sem mutações, produzida psiquicamente (o fantasma “inicial”) apresenta ao imigrante uma experiência que lhe situa no real, mostrando que houve uma transformação de si e do outro, e dos espaços e territórios que se imbricam com a memória e produzem nostalgias, pois há uma carga afetiva, até mesmo na transformação do espaço. Logo: “Se existe uma nostalgia agarrada ao espaço, e se este é no fundo de si mesmo um lugar de nostalgia, como se experimenta em todos os deslocamentos, é porque se trata de um espaço vivo, concreto, qualitativa, emocional, e até mesmo apaixonadamente distinto.” (Sayad, 2000, p. 12).

Sayad (2000), aponta para um movimento migratório marcado por uma ruptura no campo da experiência da dor entre aquele que imigra e aqueles que ficam sendo assim tomada sempre como provisória. Como observado, há, portanto, uma carga punitiva no ato de imigrar: a punição da mudança.

A mudança resultante da ruptura constitutiva da emigração, bem como da ausência subsequente, não consiste somente no envelhecimento físico, que atinge a todos e que seria como uma marca do tempo que passa; mas, ela é também, e principalmente de ordem social, em defecção que a provocou e da qual carrega sempre a marca. (Sayad, 2000, p. 14).



Agrega-se nesse contexto a luta por reconhecimento da pessoa humana, dentro de quadros da nação e da nacionalidade. Ser reconhecido como imigrante, implica ser reconhecido como uma pessoa que possui uma outra nacionalidade, e que esta condição, está garantida por um Estado. Como visto, a imigração em Sayad opera por vias sociais e psíquicas, que produzem emoções, sentimentos e ressentimentos na pessoa migrante. Nesse sentido, os estudos do psiquiatra franco-martinicano Frantz Fanon também podem subsidiar e ampliar um debate sobre as imigrações, em especial nas relações psiquismo e corpo/corporalidade.

Os debates de Frantz Fanon (2020, 2022) nas obras: *Pele negra, máscaras brancas*; e, *Os condenados da terra*, apresentam uma análise dos impactos psíquicos da colonização das/nas pessoas colonizadas. Importante apontar que, o corpo humano negro e suas relações sociais estão entrelaçadas nas análises da psique. Assim, não há uma separação entre corpo negro e psiquismo.

Fanon (2022, p. 147), aponta que o processo de colonização e do colonizador no decorrer do século XX apontaram “[...] seus esforços para a supressão de determinadas iniquidades: trabalho forçado, sanções corporais, desigualdade salarial, restrições dos direitos políticos etc.”, implicando assim, em um processo de desterritorialização, onde “[...] o combate anticolonialista não se inscreve de imediato numa perspectiva nacionalista”.

Esse apontamento de Fanon (2022), dá base para pensar sobre as questões psíquicas do imigrante, uma vez que, se vê, desterritorializado, pois o que antes era seu território étnico e/ou nação, agora é uma colônia de um outro Estado. Esse processo, implica, que um ser-desterritorializado. Se outrora sua pessoa estava inserida dentro de um conjunto de cultura étnico/nação, a invasão colonial o desloca para um novo pertencimento, o país colonizador que dominou o território e agora incide suas formas de governo, logo, o colonizado não está em sua etnia ou nação, e nem, no país colonizador.

Fanon, “[...] contribui para a percepção de como o processo de colonização deixou marcas enraizadas na sociedade.” (Ramos, 2020, p. 75). Em: *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon (2020), apresenta como o colonialismo captura o corpo e a linguagem das pessoas negras, com foco nos homens negros.

Para Fanon (2020), a colonização produziu no homem negro uma forma de se relacionar com seus pares, e outra, para se relacionar com os homens brancos. A linguagem, é fundamental para compreender esse processo, pois, segundo Fanon (2020, p. 31), a linguagem cria identidade, pois um “[...] homem que possui a linguagem possui, por conseguinte, o mundo expresso por essa linguagem e implicado por ela.”.

No caso antilhano/martinicano apresentado por Fanon, a imigração para a metrópole francesa, seja ela, curta ou longa, causa no homem negro inicialmente uma mobilidade geográfica, que o desterritorializa de sua terra natal, mas, causa também, uma desterritorialização linguística, uma vez que, o francês será sua



língua, produzindo assim uma nova identidade, que se tornará ambígua, e vai se incrustar nas suas novas formas de reconhecimento.

O ser humano antilhano/martinicano que estava inserida em sua cultura e formas sociais e jurídicas, o que lhe produz um reconhecimento enquanto pessoa, mas, quando imigra para a França transforma-se em um sujeito contingencial, pois, perde o status de pessoa em sua terra natal, ganha na França um status de colonizado (atualmente imigrante), e em seu retorno torna-se um “semideus”, já que “[...] retorna totalmente transformado. Falando termos genéticos, diríamos que seu fenótipo sofre uma metamorfose, definitiva, absoluta.”, inclusive na linguagem (Fanon, p. 33, 2020).

Nesse interim, encontramos em Fanon (2020), uma convergência com Sayad (2000), no que tange a condição do imigrante. Fanon, portanto, já anuncia que a pessoa que imigra sempre estará sujeita a ser vista e apontada como imigrante, por mais tempo que passe no país para o qual imigrou, e, por maior que seja seu domínio linguístico.

Assim, os efeitos psíquicos da desterritorialização geográfica e linguística, apresenta-se como uma das formas de violência do colonialismo. Conforme apontam Paraguassu e ElHajj (2022), a obra de Fanon apresenta elementos atemporais que ajudam a compreender o fenômeno do racismo nas sociedades de passaram por processos de colonização. Fanon, portanto, mostra que a colonização gera uma dependência do colonizado, onde, quando se pensa o atravessamento da cor, há um sentimento de inferioridade do homem negro (Paraguassu; ElHajj, 2022). Nesse caminho, o processo migratório, torna-se, portanto, mais um elemento de inferiorização do homem negro.

A imigração é nesse sentindo mais uma fonte de estigma, onde, por mais que essa pessoa se sujeite a incorporar uma nova linguagem e cultura em sua forma mais fluente e profunda, nunca conseguirá se desvincular de sua inferioridade no que tange o olhar do colonizado. Portanto, as aproximações aos escritos de Sayad e Fanon, provocam novos olhares sobre as intersecções entre os marcadores da diferença social gênero-raça-classe para compreender as imigrações e suas nuances nacionais e internacionais.

### 3 CONCLUSÃO

As reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo permitem afirmar que o fenômeno das migrações internacionais demanda abordagens analíticas capazes de apreender sua complexidade histórica, social, política e cultural, superando interpretações restritas aos determinantes econômicos ou às explicações universalizantes.

Nesse sentido, evidenciou-se que as perspectivas decoloniais constituem um importante campo teórico para compreender a mobilidade humana contemporânea, na medida em que problematizam as relações de poder produzidas pela colonialidade e seus desdobramentos sobre as experiências dos sujeitos migrantes.



As contribuições de Abdelmalek Sayad e Frantz Fanon demonstram que a condição migrante não pode ser compreendida apenas a partir dos deslocamentos territoriais, mas também pelas dimensões simbólicas, subjetivas e históricas que atravessam os processos de pertencimento, identidade, exclusão e reconhecimento social. Ao deslocarem o foco analítico para as experiências vividas pelos migrantes e para os efeitos persistentes do colonialismo, ambos os autores oferecem instrumentos teóricos capazes de ampliar a compreensão das desigualdades que estruturam as migrações internacionais na contemporaneidade.

Desse modo, o diálogo entre os estudos migratórios e as teorias decoloniais contribui para a construção de interpretações mais críticas e sensíveis às múltiplas formas de opressão que permeiam os deslocamentos humanos. Além disso, reforça a necessidade de produzir conhecimentos comprometidos com a valorização das epistemologias do Sul Global e com o reconhecimento das vozes historicamente invisibilizadas nos debates sobre mobilidade humana.

Considera-se, portanto, que a incorporação dessas perspectivas favorece o desenvolvimento de agendas de pesquisa mais plurais, capazes de articular os aspectos estruturais e subjetivos das migrações internacionais. Espera-se que as discussões aqui apresentadas contribuam para o fortalecimento desse campo de estudos e estimulem novas investigações que aprofundem as interfaces entre colonialidade, poder, identidade, raça, território e mobilidade humana, ampliando o debate sobre os desafios teóricos e metodológicos colocados pelas migrações no contexto contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2022.
- BLAY, E. A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. Rev. Antropol. n. 43, v. 1, 2000.
- BOURDIEU, P.; SAYAD, A. A dominação colonial e o sabir cultural. **Revista de Sociologia e Política**, p. 41-60, 2006.
- BRANDT, Grazielle Betina. *et. al.* Fundamentos decoloniais nas pesquisas sobre migrações e o desenvolvimento regional. **Redes**, [S. l.], v. 29, n. 1, 2024.
- CASTLES, S. Entendendo a migração global: uma perspectiva desde a transformação social. REMHU, **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 18, n. 35, 2010.
- DIAS, G. Bourdieu & Sayad: o forjar de uma sociologia sobre a ordem colonial em tempos de guerra. **CONTEMPORÂNEA (ONLINE)**, v. 13, p. 335-342, 2023.
- DIAS, G.; AVALLONE, G. Por que ler Sayad? A produção de uma sociolinguística crítica sobre a representação do migrante. **Revista interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 32, p. 1-23, 2024.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.



FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEVEL, B. P. L.; SILVA, J. C. J.; MAGALHÃES, L. F. A. Migração, Trabalho e Estado: três aspectos da contemporaneidade do pensamento de Sayad. In: DIAS, G. et al. (Orgs.). **A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad (recurso eletrônico)**. São Paulo: EDUC, 2020.

MENDOZA, Breny. Et al. A colonialidade do gênero e poder: da pós-colonialidade à decolonialidade. **Revista X**, v. 16, n. 1, 2021.

PARAGUASSU, F.; ELHAJJI, M. RESENHA FRANTZ FANON. **Poiésis**, Tubarão/SC, v. 16, n. 30, p. 543-549, jul-dez, 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patrícia; ELIZALDE, Paz Concha. **Uma breve história dos estudos decoloniais**. São Paulo: MASP Afterall, 2019.

RAMOS, Rogério Macedo. As contribuições de Sayad e Fanon para compreender as consequências enfrentadas pelo sujeito migrante na sociedade pós-colonial. **TRAVESSIA - revista do migrante**, [S. l.], v. 33, n. 89, p. 75–84, 2021.

SANTOS, M. A. *et al.* Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias. **Texto para discussão nº 398**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2010.

SASSEN, Saskia. **The Global City**: New York, London, Tokyo. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2001.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SAYAD, A. O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessias: Revista do Migrante**, Edição Espacial, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEGAS, D. H.; SANTOS, R. L. Dossiê “Estudos Étnicos e (i) migrações: entre estudos clássicos e temas emergentes”. **Revista Mouseion**, n. 37, p. 11-13, 2020.